



DANÇA NO ENSINO DE ARTES: ESPAÇOS E POSSIBILIDADES

Gabriela Cristina Barbosa de Moura¹

José Paulino do Espírito Santo Silva²

Nayara Vieira Silva³

Rafaela Maria da Silva Botelho Tavares⁴

Supervisão: José Roberto do Nascimento Junior⁵

1. Introdução

Este trabalho reúne as experiências construídas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID-UFPE. Como discentes do Curso de Dança, acompanhamos o Professor Supervisor Roberto Nascimento na Escola Estadual de Abreu e Lima, em Abreu e Lima - PE. As atividades ocorreram na turma do 6º ano A, todas as quartas-feiras, no período de abril a agosto de 2025, dentro do Componente Curricular Artes. A instituição apresenta uma estrutura física limitada, com salas pequenas que dificultam as práticas corporais. Nesse cenário, ensinar dança significa enfrentar desafios de espaço e recursos, ao mesmo tempo em que exige romper com paradigmas tradicionais da educação. Apesar das limitações, o programa nos tem permitido explorar metodologias criativas e encontrar, em um espaço reduzido, amplas possibilidades para a construção do conhecimento artístico.

2. Perfil da turma

O 6º ano A é composto por 28 estudantes, sendo 10 meninas e 18 meninos, entre eles um estudante com deficiência (transtornos globais de desenvolvimento), cuja frequência escolar é bastante irregular.

Trata-se de uma turma amplamente participativa, com os meninos assumindo maior protagonismo em atividades práticas. Demonstram entusiasmo ao participar, raramente reclamam e celebram suas conquistas. Apresentam menor interesse por atividades escritas, mas trabalham bem em grupo quando a mediação é adequada, mostrando competitividade e apreço por propostas diferentes que estimulem diálogo e debate.

¹ Licencianda em Dança (UFPE) gabriela.bmoura@ufpe.br

² Licenciado em Dança (UFPE) josepaulino.silva@ufpe.br

³ Licencianda em Dança (UFPE) nayara.vieira@ufpe.br

⁴ Licenciada em Dança (UFPE) rafaela.btavares@ufpe.br

⁵ Secretaria de Educação de Esportes de Pernambuco (SEE-PE) jose.rnascimentojr@ufpe.br



A faixa etária favorece comportamentos segregacionistas de gênero e interesses, perceptíveis nas atividades práticas e nas interações em sala. A turma é bastante agitada e ainda está em processo de desenvolver concentração e participação eficaz.

3. Discussão

No início do programa, nossas atividades foram realizadas na Escola Municipal Albin Stahli, em Igarassu - PE, período em que realizamos observação das práticas pedagógicas, do ambiente escolar e da dinâmica da turma, buscando compreender o cotidiano dos estudantes e identificar suas necessidades. A partir de maio até agosto, passamos a atuar na Escola Estadual de Abreu e Lima, iniciando novamente com observações detalhadas das aulas, para posteriormente assumir momentos de regência. Essa transição permitiu aplicar estratégias pedagógicas, acompanhar o desenvolvimento dos alunos e intervir de forma orientada, articulando teoria e prática no processo educativo.

A escola atual apresenta uma estrutura bastante limitada em comparação a outras da rede estadual, pois não possui pátio nem quadra esportiva, ou qualquer espaço que permita a prática de dança. Encontra-se localizada entre comunidades periféricas da cidade e aproveita-se de um espaço compartilhado pelos moradores que construíram suas residências ao redor, os quais são o principal público atendido pela escola. O resultado foi uma escola com salas apertadas e corredores estreitos, em um cenário desmotivador ao movimento.

Sendo assim, todas as aulas (inclusive as práticas) ocorrem dentro da sala de aula mesmo. É através dessa realidade que surgem as possibilidades, e a participação ativa da imaginação pedagógica. O planejamento torna-se crucial no âmbito prático, abrangendo as alternativas de aproveitamento do espaço, ao invés de limitar-se, expandir as experiências possíveis. Em meio às limitações encontradas na escola, vamos desenvolvendo um trabalho no qual percebemos um grande impacto tanto para os alunos, como para toda comunidade escolar. Ao chegarmos na sala de aula, deparamos-nos com perguntas dos alunos: “Vamos dançar? Podemos afastar as cadeiras?” atitudes que motivam a nossa jornada como docentes em formação. A organização da sala como preparação para aula prática estimula a turma para as movências que serão exploradas no conteúdo da aula. Durante os experimentos, usamos uma metodologia de separar grupos, enquanto um grupo se move, os outros apreciam, trazem suas percepções e assim segue a rotação dos grupos.



Quanto à proposta curricular, seguimos o Organizador Trimestral do Governo do Estado para o componente curricular Artes (baseado na BNCC - Base Nacional Comum Curricular). Trazemos como fundamentação teórica principal a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (fazer, fruir e contextualizar) e os estudos do movimento de Rudolf Laban.

Entendemos que o desafio de atividades práticas em um espaço pequeno, não impossibilita o mover dos corpos que necessitam conhecer novas possibilidades usando estratégias e metodologias aplicadas para o espaço oferecido. Percebemos um avanço no processo de aprendizagem, à medida que visão crítica da turma, a partir de temas como o corpo deficiente na dança, tem mudado pensamentos e ações.

4. Considerações finais

Seguimos acompanhando essa turma até o final deste ano com possibilidade de seguirmos com ela em 2026. Consideramos suas singularidades e o contexto coletivo na qual estão inseridos, observando avanços importantes no processo de aprendizagem, bem como desafios que ainda se apresentam e exigem estratégias diferenciadas de ensino e maior incentivo à participação. Ressaltamos a necessidade de um acompanhamento contínuo e atento, voltado não apenas ao desempenho acadêmico, mas também aos aspectos socioemocionais que influenciam diretamente no desenvolvimento dos alunos. Dessa forma, buscamos fortalecer o vínculo entre escola, família e comunidade, favorecendo um percurso formativo mais inclusivo e significativo para todos.

5. Referências

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (org.). Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Organizador Curricular Trimestral: Artes, Ensino Fundamental, Anos Finais. Recife: Secretaria de Educação e Esportes, 2025.

LABAN, R. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. Arte em questões. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.